

22 JAN 1996

FHC

**COISAS DA POLÍTICA**

■ MARCEU VIEIRA

**As aventuras de um presidente-rei**

O presidente que deixou Petrópolis ontem de manhã tinha vontade de ficar. Na madrugada de sábado para domingo, horas antes de partir, já dizia mais ou menos isso à mulher, Ruth, e a um pequeno grupo de amigos, enquanto da sacada da mansão de Maria do Carmo Nabuco, onde se hospedou, assistia à chuva lavar o asfalto da Avenida Ipiranga.

Ali, rodeado de gente íntima, segundo relato de um dos presentes, o presidente ficou alguns minutos falando da emoção sincera com as tantas manifestações de apreço que recebeu. Chegou a dizer ao governador Marcello Alencar: "Muito obrigado por tudo que vocês fizeram por mim."

Com ele e dona Ruth estavam sete casais. Eram convidados de um jantar de despedida em que o presidente do frango barato ofereceu cherne e vinho branco espumante português. Na agenda corrida de amenidades em Petrópolis — disse —, o que mais o tocou foi o carinho renitente das pessoas nas ruas.

A entrada no teatro do Hotel Quitandinha, com a plateia aplaudindo demoradamente de pé, foi lembrada como "um momento de muita emoção".

A alegria do presidente não era encenada. Era — e ainda é — verdadeira. Deve-se a tudo que muito já se disse a respeito de sua visita de três dias a Petrópolis.

Tudo deu certo na viagem. Deu certo a menininha empurrada pela avó para furar o cerco dos seguranças e conseguir um beijo. Deu certo a mulher esbaforida que venceu a multidão em busca de um autógrafo. Deu certo a massa em frente ao Museu Imperial, espontânea e em maior número que a de 100 metros adiante, na Praça Dom Pedro, onde sindicalistas promoveram um protesto minguado e mal-humorado, para o qual vinham convocando a população há dias.

Deu certo o aperto de mão em Dom Pedro de Orleans e Bragança, herdeiro da família real. Deu certo a maratona de assinaturas de protocolos que prometem fartura de verbas para obras em um estado endividado e com o funcionalismo ainda sem 13º.

Deu certo o ensaio de resgate da tradição republicana, segundo a qual presidente que se preza passa temporada em Petrópolis.

Tudo deu certo. Tão certo que seria injusto falar da apoteose que o presidente viveu em Petrópolis — o nome é este mesmo, apoteose —, buscando no Real e no preço do frango as razões para tantos flagrantes de carinho.

Também seria amargura demasiada acreditar que a demorada salva de palmas a ele dedicada pela elite perfumada do Quitandinha, onde assistiu a um concerto, era só um reconhecimento dos ricos por tudo que seu governo não faz para os atralhar.

**Seria injusto  
buscar no  
frango barato  
a razão da  
apoteose do  
presidente  
em Petrópolis**

A sensação de quem seguiu o presidente para cima e para baixo em Petrópolis, em seu périplo de descompromissos, não permite conclusões do tipo. Não havia pobres no meio daquela gente enlevada em frente ao museu. Mas, e daí? Certamente, estavam em casa comendo frango. O bem-de-vida e a classe média da cidade — olha ela aí! — estavam lá, unidos no aplauso.

Foi assim em frente ao Palácio Rio Negro, logo no primeiro dia. Grudada nas grades do portão, havia gente comum e gente que, naquela redondeza de casas majestosas, costuma ser patroa de gente comum.

Uma característica os unia em todo lugar, além do prazer indecifrável de ver um presidente de perto. Quase todos tinham mais de 50 anos. Para eles, era relevante — assim diziam — o resgate da tradição de receber presidentes na cidade.

A presença do sociólogo de ancestrais republicanos na terra da realeza inspirou, no entanto, uma reflexão ao forasteiro que chegou lá um dia antes dele. Na véspera de seu desembarque, os únicos sinais de expectativa na cidade eram as luzes — lindas — produzidas por 3,5 milhões de pequenas lâmpadas espalhadas pela prefeitura como motivo de Natal. Cobriam os troncos das árvores, os corrimãos dos pontilhões que ligam um lado a outro dos rios estreitos que cortam a cidade, pendiam das fachadas dos prédios. A prefeitura só as manteve depois do Natal para homenagear o presidente.

Afora isto, a Petrópolis da véspera era a de sempre, com sua quase dúzia de favelas, com suas carências encobertas por uma beleza natural sedutora e sua fábrica de meninos de rua, exército mirim que, dia após dia, mais engrossa o êxodo de iniquidade da serra para o Rio. Quem milita pela salvação desses meninos conta que Petrópolis é berço de um bom pelotão dessa infância descalça que corre solta no Rio.

Mas aí o presidente chegou, e Petrópolis pareceu olhar para si mesma, dando-se conta das virtudes da auto-estima. Recebeu o presidente com reverência e aplausos sinceros. Reviveu uma tradição que, na verdade, é um divertido faz-de-conta — o de que a monarquia ainda existe.